

INTRODUÇÃO GERAL AO PENTATEUCO: ESTRUTURA DA OBRA

DIVISÃO EM CINCO LIVROS

Por que a Torah não foi colocado em um único rolo? Quais os critérios para que os livros do Pentateuco tivessem a forma que eles tem hoje? Com certeza a questão geográfica não é o critério, pois em Gn 46 já se chega no Egito, os acontecimentos no Sinai vão de Ex 19 a Nm 10,10, e a estada em Moabe começa em Nm 21,10 e prolonga-se até Dt 34.

Houve em primeiro lugar razões materiais. Sob a ótica dos personagens, dois grandes blocos se destacam, o primeiro encerrando com a morte de José, e o segundo com a morte de Moisés. Mas o melhor critério para tentarmos compreender a atual divisão dos livros do Pentateuco são os critérios teológicos.

CRITÉRIO MATERIAL

Os cinco primeiros livros da Bíblia são muito extensos, com 50 capítulos no Gênesis, 40 no Êxodo, 27 no Levítico, 36 em Números e 34 no Deuteronômio. Se o Pentateuco fosse colocado em um único rolo, teríamos cerca de 33 metros de material. Sabemos de rolos de até 50 metros na Grécia, em obras como Ilíadas e Odisséia de Homero. O problema seria como usar um rolo de 33 metros para a leitura na Sinagoga. Um tamanho ideal de um rolo para o uso na Sinagoga seria de 7 metros, o que pode explicar a divisão da Torah em 5 rolos.

CRITÉRIO TEOLÓGICO

O melhor critério para tentarmos compreender a atual divisão dos livros do Pentateuco são os critérios teológicos que podemos observar em cada um dos livros:

GÊNESIS - Trata do grande evento da criação, como também uma série de relatos que explicam a origem do homem, do mal, da violência etc (Gn 1-11). Logo surge a história da origem dos patriarcas (Gn 12-50), e

com ela, a temática da "terra prometida". No final do livro chegamos ao Egito com Jacó e sua família, mas o texto de 50.24 aponta para os relatos de Ex a Dt, enfatizando a promessa da terra.

ÊXODO - O início do livro (Ex 1,1-7) serve de elo entre a história dos patriarcas e a história do povo de Israel que agora inicia. O texto de Ex 1.8 dá a entender que agora inicia-se um novo momento na história, com o faraó que não conhecia José. A partir daí desenvolve-se toda uma série de histórias iniciando com a libertação do povo do Egito com a liderança de Moisés, e culminado com a Glória de lahweh habitando no meio do povo (Ex 40.34-48).

LEVÍTICO - O início é extremamente emblemático, com lahweh convocando Moisés da Tenda do Encontro. A partir de agora não é mais o Sinai o lugar onde lahweh se comunica, mas a Tenda. O livro termina em 26,46 com afirmação conclusiva "estes são os decretos e costumes". O capítulo 27 assume a forma de apêndice, que deve ter sido inserido posteriormente, tanto que 27,34 repete a conclusão de 26,46.

NÚMEROS - Assim como o Levítico, o livro abre com lahweh falando de dentro da Tenda do Encontro (Nm 1,1), passa-se então, por toda uma história vivida pelo povo no deserto, e o final traz a conclusão "tais são as ordens e regras" (Nm 36,13).

DEUTERONÔMIO - No Deuteronômio temos as palavras de Moisés no deserto, como se fosse um grande discurso de despedida feito além do Jordão. Todo o livro é uma grande pregação de um dia de Moisés, e o livro encerra-se com a morte do grande líder em Dt 34,1-12;

CRITÉRIO DOS DOIS BLOCOS

Podemos pensar no Pentateuco como dois grandes blocos. O primeiro encerrando com a morte de José (Gn), e o segundo com a morte de Moisés (Ex-Dt). Existem no primeiro e no último livro, a bênção do líder sobre o povo - Jacó em Gn 49, e Moisés em Dt 33. Os livros nitidamente legislativos (Lv, Nm, Dt) são iniciados com introduções legislativas.

LIVRO DO GÊNESIS

ESTRUTURA DA OBRA

Um elemento divisor utilizado para se estruturar o Gênesis é a palavra hebraica *tôledot*. Em geral esta palavra é traduzida por "gerações", e aparece 10 vezes ao longo do livro do Gn (2,4; 5,1; 6,9; 10,11; 11,27; 25,12; 36,1.9; 37,2), dividindo o livro do Gênesis em 10 partes principais. Em geral a palavra aparece seguida por uma genealogia, e uma tradução melhor para ela nestes casos seria "o que nasceu de..." (5,1; 10,11; 11,10; 25,12; 36,1.9). Há casos que o "*tôledot*" é seguido por uma narrativa como nos casos de 6,9 (a história de Noé), 11,27 (Terah), 25,19 (Jacó/Esau) e 37,2 (José). Aqui não há genealogia, mas há história que descende do personagem principal, são as histórias que "nasceram de..." cada um dos nomes que abrem a seção do livro. É, portanto, a história dos descendentes. Um caso interessante é o de 2.4, que é seguido por uma nova narrativa da criação do mundo e do homem. O *tôledot* neste caso, refere-se ao céu e a terra, poderíamos chamar esta seção de "História do que foi gerado do céu e da terra". Assim segue a narrativa que demonstra a criação do homem a partir do solo (2,7), das árvores (2,9) e dos animais (2.19). Tudo vêm do céu e da terra. Podemos, então, concluir que o *tôledot* seria uma fórmula relacional que liga as várias narrativas contidas no livro do Gênesis. E realmente a expressão aparece nos momentos mais expressivos do livro: 2,4 - homem e mulher; 6,9 - dilúvio; 11,27 - Abraão; 25,19 - Jacó; 37,2 - José.

Outra divisão possível do livro do Gênesis é em duas partes principais: História das Origens (1-11) e História Patriarcal (12-50). É uma divisão interessante, mas que quebra a divisão pelo "*tôledot*". Esta divisão atual pode ser prática, mas não corresponde a intenção do redator final do Pentateuco.

Uma divisão em dois blocos intencionada pelo redator final do Gênesis pode ser descoberta nos versículos 10,1 e 11,10, onde se usa a expressão "depois do dilúvio". Podemos pensar então em estruturar o livro da seguinte forma: 1-9 e 10-50. É possível sofisticar ainda mais esta divisão: a história universal até o dilúvio (1-9), a transição entre Noé e Abraão (9.20-11.26), e finalmente a história após o dilúvio, destacando os patriarcas (12-50).

Uma outra possibilidade para se dividir o livro do Gênesis é se utilizar dos inúmeros discursos divinos que aparecem no livro: 12,1-3 - este discurso de Iahweh dá novo enfoque no livro, agora o foco é o povo eleito e

não mais a origem da humanidade; Gn 13,14-17 - novo discurso a Abraão, preparando-o para um novo momento em sua caminhada; 26,2-5 - discurso divino repetindo a palavra da promessa a Isaac; 28,10-22 - discurso divino a Jacó, na famosa narrativa do "sonho de Betel", sendo que os versículos de 13-15 apresentam uma nova temática, a idéia de voltar a terra, que começa realmente em 31,2; Gn 46,1-5 - Neste momento é destacada a viagem de Jacó ao Egito, novo momento na história patriarcal. Deus promete que estará ao lado dos seus escolhidos, e José continua neste mesmo pensamento em 50,24.

CARACTERÍSTICAS

No Gênesis sempre busca-se explicar a origem de tudo: do homem e da mulher, do relacionamento homem-mulher, do casamento, das dificuldades do trabalho, do mal, da inveja, da violência, da poligamia, das cidades, dos aspectos culturais, da corrupção humana, das nações, das várias línguas, etc.

Nos primeiros capítulos do Gênesis vemos uma avalanche de pecado, a cada momento cresce mais a corrupção. Inicia-se com o primeiro casal, que como castigo são expulsos dos paraíso, mas ainda assim Iahweh manifesta sua graça na promessa que a descendência da mulher esmagaria a cabeça da serpente. Em Caim e Abel, surge o primeiro assassinato, Caim é condenado a andar errante, mas mesmo assim recebe uma proteção divina com o sinal dado ele. No dilúvio a corrupção humana é tanta que fica insuportável, vem o juízo que é o dilúvio, mas há a graça na arca como agente salvadora da humanidade e da criação. Por fim a torre de Babel é também um grande erro humano, que é punido pela confusão das línguas, mas a manifestação da graça só aparecerá em Gn 12,1-3, quando Abraão é chamado para ser bênção para todas as nações!

Os discursos divinos demonstram que a vida dos patriarcas é um grande itinerário. Abraão dá o início nesta caminhada, Jacó faz um caminho circular, e José representa o início da volta final;

Em torno das narrativas sobre Abraão persiste a pergunta: quem é o filho da promessa? Lot (Gn 13)? Eliézer (Gn 15)? Ismael (Gn 16 e 21)? Até que finalmente revela-se Isaac (Gn 21,1-7).

Durante as narrativas aparecem também, a origem de outros povos como dos ismaelitas (Gn 25,18), dos Moabitas e Amonitas na história de Lot.

A história de Jacó já é uma história de lutas: Israel x Edom (Esau), Israel x Aram (Labão). Ele é o desonesto que é abençoado, numa fina ironia divina.

A história de José dá o motivo patriarcal de haver 12 tribos e porque tantos conflitos entre elas (Gn 37). A palavra final é de bênção para todos filhos de Jacó (Gn 49).

O versículo chave de 50,24 é uma belíssima transição para o livro do Êxodo.

LIVRO DO ÊXODO

ESTRUTURA DA OBRA

No livro do Êxodo não temos uma expressão como "tôledot" do Gênesis para nos ajudar no processo de estruturação do livro. Existe uma fórmula tradicional para indicar o itinerário do Código Sacerdotal em 12.37,40-42; 13.20; 14.2; 15.22; 16.1; 17.1; 19.2, mas que desaparece após o capítulo 19, e não serve para dividir o livro como um todo.

Em geral podemos ver o livro do Êxodo estruturado em 3 grandes blocos:

- a saída do Egito (1,1 — 15,21), o Êxodo propriamente dito;
- do Egito ao Sinai (15,22 — 18,27), a transição entre o Êxodo e o Sinai;
- Israel no Sinai (19 — 40), a aliança e eleição, subdividida em
 - aliança (19-24),
 - ruptura da aliança e renovação (32-34),
 - instrução para construção do tabernáculo (25-31),
 - e construção do tabernáculo (35-40).

CARACTERÍSTICAS

Todo o livro do êxodo converge para o momento da consagração da Tenda (40,34-48), que é o clímax do livro, e também a chave para uma leitura canônica do Êxodo.

Em 40,34-38, lahweh toma posse da Tenda, e a Glória de lahweh vem habitar com o povo. Ela antecipa o evento de I Rs 8,10-13, na consagração do templo da época de Salomão.

O profeta Ezequiel trabalhará de forma magistral com a teologia da Glória de lahweh que remonta ao Êxodo. Ele vê a glória de lahweh as margens do rio Qebar (Ez 1), assiste a saída da Glória da lahweh do templo (10.18-22) e também assiste a volta da Glória no futuro escatológico (Ez 43.1-7).

Entendendo que a forma final do Pentateuco foi dada na época do pós-exílio, ou seja, na época da reconstrução do templo (Ed 5-6), vemos a importância deste texto para o povo daquele período. A reconstrução do templo significa trazer de volta a Glória de lahweh para morar junto ao povo como acontecia com o tabernáculo no Êxodo.

O livro do Êxodo tem como tema chave a construção do templo, ou do tabernáculo como afirma o livro. No Antigo Oriente o ato de se consagrar um templo significava a reafirmação da soberania divina. O tabernáculo no deserto reafirmava a soberania de lahweh já manifestada no Egito. A construção do tabernáculo (ou templo) também pode ser entendida como a afirmação do primeiro mandamento (Ex 20,2-3). Culto somente pode ser dado a lahweh. Ex 40, de certa forma, completa Gn 1. Em Gn 1, Deus criou, em Ex 40 ele vem morar no meio da criação. A partir de agora, Israel é claramente o seu povo (Ex 6,7), e lahweh tornou-se o seu Deus (29,45-46).

A primeira grande parte do Êxodo gira em torno da luta entre lahweh e as divindades egípcias, e os momentos mais dramáticos desta batalha monumental acontece nos relatos das pragas (Ex 7-11) e na travessia do mar (14-15). Podemos afirmar que a situação ganha contornos mais dramáticos quando há o desafio de Faraó: "Eu nem conheço quem é esse Deus dos israelitas" (Ex 5,2). No capítulo 6, lahweh se revela a Moisés, revelando o seu Nome. Durante toda a batalha de lahweh com o Faraó, é respondido o desafio de Faraó com a afirmação: "para que saibais que eu sou lahweh" (7,5.17; 8,6.18; 9,14.25; 10,2; 11,7; 14,4). Com a vitória na travessia do mar e com o cântico de Moisés, pode-se então afirmar categoricamente que lahweh reina por todo o sempre (Ex 15,18), e no versículo anterior (15,17) cita-se o santuário, já apontando o alvo final do Êxodo que é o tabernáculo. O Êxodo, portanto, afirma a soberania e a morada de lahweh entre os homens.

A segunda parte do livro do Êxodo funciona como transição entre os dois grandes momentos da história de Israel: o Êxodo e o Sinai. Nesta parte do livro (Ex 15,22 — 18,27), lahweh resolve problemas do povo: da sede (15,22-27; 17,1-17), da fome (16), e dos ataques de estrangeiros (17,8-16). Ao mesmo tempo também surgem algumas leis (15,25b; 16,4-5.28), e também a organização da liderança do povo (18).

A seção que encontra-se em 19 a 24,11 é central para todo o livro do Êxodo. Surgem então afirmações essenciais para a teologia do Antigo Testamento:

- a temática da palavra de lahweh (19,7-8; 24,3.7);

- a afirmação central sobre lahweh - "Eu sou lahweh, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim" (Ex 20);
- a posição especial do povo, agora povo escolhido de Deus. (Ex 19.3-8), propriedade (segullâ), reino sacerdotal (mamleket kohanîn) e nação santa (gôy qadosh);
- o decálogo (20,1-17), o Código da Aliança (20,22 — 23,19), a Aliança (24,3-8).

Na última seção do Êxodo, que começa em 24,12, o destaque é dado todo ao Santuário. Em 25,8-9 há a expectativa do santuário: "Eles me farão um santuário e eu morarei entre eles". A lei do Sinai de maneira nenhuma é esquecida, pois existem menções a "tábua de pedra". Em Ex 32-34 há o relato da quebra da aliança e a restauração feita por Deus. Na verdade o povo transfere o mandamento de 20,3 para o bezerro de ouro (32,1.8). Surge então a dúvida: lahweh continuará com este povo idólatra? (Ex 33,3.5.14). Há a bela intercessão de Moisés junto a lahweh (Ex 33,14.17), até que finalmente lahweh revela-se como Deus de perdão e misericórdia (34,6-7). Em Ex 34 há a renovação da aliança com novas tábuas de pedra. No texto de Ex 35-40 temos a construção do Santuário. A construção só é possível depois de o povo ser restaurado junto a lahweh.

Sobre a construção do santuário, Moisés concluiu o seu trabalho (40,33), assim como lahweh tinha concluído o seu trabalho da criação (Gn 2,2); lahweh agora mora com o povo (40,34-35), e não só isso, ele guia o povo pelo caminho a terra prometida (40,37-38); o livro do Êxodo começou com a servidão do povo no Egito para o Faraó, obrigatório, pela força (Ex 1), agora temos o povo servindo a lahweh espontânea e gratuitamente (Ex 35,2. 22).

LIVRO DO LEVÍTICO

ESTRUTURA DA OBRA

Podemos estruturar o livro do Levítico da seguinte maneira:

- 1-7 - descrição dos sacrifícios - esta seção do livro encerra-se com um sumário (7,37-38), nas outras seções não é possível identificar uma conclusão
- 8-10 - inauguração do culto - grande destaque para as figuras de Moisés, Arão e o sacerdócio como um todo (8,2; 9,1; 10,1)

- 11-16 - prescrições sobre a pureza e a impureza - predomina o uso de palavras como impuro (tame'), puro (tahor), abominação (sheques). Outro destaque é o texto de Lv 16 onde se tem o yôm hakkippûrim ("dia da expiação"), que é um dos eixos da teologia levítica
- 17-26 - a Lei da Santidade - esta seção recebe este nome em razão do texto de Lv 19,2 - "Sede santos, pois eu sou santo, eu o Senhor vosso Deus". Este versículo pode ser considerado como o versículo chave de todo o livro. Em 26,46 há a conclusão final do livro
- 27 - apêndice sobre ofertas. Em 27,34 aparece uma nova conclusão final (como em 26,46) demonstrando que este capítulo é uma apêndice tardio

Além da estruturação proposta acima, podemos pensar numa outra divisão do livro:

- 1-7 - preceitos sacrificiais;
- 8-10 - o serviço sacerdotal;
- 11-15 - uma vida pura no cotidiano;
- 16-17 - a expiação dos pecados - nesta estrutura esta seção é o centro do livro do Levítico, portanto a expiação dos pecados é o tema principal do Levítico;
- 18-20 - ética para o cotidiano (com o capítulo chave de Lv 19 com a prescrição do amor ao próximo);
- 21-22 - o culto e os sacerdotes
- 23-25 - sacrifícios e festas;
- 26 - o final do livro, com a exposição das bênçãos e maldições;
- 27 - apêndice tardio

CARACTERÍSTICAS

No Levítico não há narrativas como em Gênesis e Êxodo. O que aparece são várias leis e prescrições, muitas delas já bastante obsoletas para os nossos dias.

Isto, porém, não significa que o Levítico não tenha valor para os nossos dias. A questão é como o livro é abordado. O foco não deve estar no estudo literal das leis, mas sim no porque da existência das leis levíticas.

O livro do Levítico é a continuação perfeita para o final do livro do Êxodo, lahweh habita no Tabernáculo, e se o Santo está no meio do povo, este povo precisa ser santo também. "A presença de Yhwh no meio de seu

povo impõe uma reorganização total, em função da fundamental exigência de pureza e santidade"^[1].

No Levítico temos a "constituição basilar levítico-sacerdotal", trazendo como o povo será santo, para ser realmente o povo de lahweh. lahweh então chama o povo do meio da tenda (1,1), e dá uma série de prescrições, para cumprir o texto de Ex 19,5s.

A lei do Levítico é ligada a manifestação do Sinai. A lei levítica, como temos hoje no livro, é dada ao pé do Sinai no deserto. O fundamento para a lei levítica é o evento do Êxodo, pois foi assim que o povo foi separado (santificado - qadosh) do Egito.

Ainda podemos tirar do Levítico as afirmações: o Êxodo é uma obra única de lahweh (25,5s); o Êxodo trouxe liberdade para o povo manifestada agora na lei levítica (25,42); toda a vida do israelita é santa (11,44-47; 18,1-4; 20,24-25); a terra que o povo vai conquistar pertence a lahweh (25,23); não há como viver com outras nações, se não houver a preocupação radical com a santidade (separação).

Uma grande lição trazida pelo Levítico é o fato de que a fundamentação da santidade não está na capacidade humana, mas sim em lahweh (Lv 22,32-33). É Ele que santifica o povo, Ele que fez o povo sair do Egito. A ação primeira e fundamental é de lahweh, e não do povo.

A crítica as práticas dos outros povos aparece de forma bem clara em Lv 18,3-4. Esta separação de Israel em relação as outras nações é bem radical, e lembra também a ênfase dada nos livros de Esdras e Neemias, principalmente no episódio onde os israelitas são solicitados a mandar embora suas esposas gentias. Entretanto o Antigo Testamento possui uma outra vertente teológica, que se mostra mais amigável com os gentios (Jonas, Rute).

LIVRO DOS NÚMEROS

ESTRUTURA DA OBRA

Em termos de estruturação, não há elementos nítidos para uma estruturação clara do livro.

Uma divisão que leve em conta a trajetória do povo durante o livro seria:

^[1] SKA, Jean Louis. Introdução à Leitura do Pentateuco p. 31-54

- Israel no Sinai (até 10,10);
- A caminha rumo a Moabe (até 20,13);
- Israel nas planícies de Moabe (até 36,13).

Uma outra possibilidade é levando em conta a geração do Êxodo e a nova geração do povo de Israel, onde teríamos como divisores os dois recenseamentos contidos no livro (1 e 26):

- A geração do Êxodo (1-25);
- A nova geração (26-36).

Mais um exemplo de estruturação do livro poderia ser a seguinte:

- Israel se prepara como comunhão santa (1,1—10,10);
- 10,11—20,13 - caminhada no deserto (sendo que em 10,11 há uma retomada enfática da partida do povo);
- 20,14 e seguintes - há uma nova retomada tomando como ponto de partida a ação do Êxodo
- 20,14-25 - Registra as controvérsias que dificultam o início da caminhada do povo
- 26-31 - a reorganização da caminhada;
- 32-36 - a designação das terras a serem conquistadas

Uma estruturação mais elaborada poderia ser feita da seguinte forma:

- Preparação cultural e militar para a peregrinação (1,1—10,10);
- Execução da peregrinação (10,11—36,13), subdividida em:
 - Caminhada no deserto (10,11—21,20);
 - Início da conquista (21,21—36,13).

CARACTERÍSTICAS

Todo o livro dos Números gira em torno da temática do povo de Israel no deserto. A seguir proporemos algumas formas para criar um bom esboço do livro dos Números:

Antes da caminhada para o seu objetivo o povo precisa se preparar para os perigos que vai enfrentar. Porém, só esta preparação inicial não basta, o povo seria provado no deserto para ser purificado e preparado

realmente para começar a conquistar a terra prometida. Após tudo isto, é que o povo podia começar a aproximar-se da terra prometida.

A exemplo do Livro do Êxodo, há também no livro dos Números manifestações do poder de lahweh. As narrativas relativas a Balaão (Nm 22-24) comprovam que nenhum poder pode se opor ao verdadeiro poder, o de lahweh.

Os textos nos mostram que ao longo da caminhada, lahweh ajuda o seu povo, mas se necessário for, ele também castiga duramente (11; 12; 13-14; 16-17; 20,1-13; 21,4-9; 25). E os castigos em Números são exemplares, caindo sobre Aarão e Miriam (Nm 12); Datan e Abiran (Nm 16); e até sobre Moisés e Araão novamente (Nm 20,1-13).

O centro do livro como um todo pode ser considerado os capítulos 13 e 14, onde há a condenação da geração do Êxodo, que não poderá entrar na terra prometida. E fica nítido que a razão daquele povo não entrar na terra prometida não está em lahweh, mas sim no pecado do povo.

LIVRO DO DEUTERONÔMIO

ESTRUTURA DA OBRA

Uma divisão do livro, que se baseia em quatro títulos que encontramos ao longo do livro, seria:

- 1,1 - "Eis as palavras que Moisés..."
- 4,44 - "Esta é a lei que Moisés..."
- 28,69 - "Eis a palavra da aliança que lahweh..."
- 33,1 - "Esta é a benção que Moisés..."

Uma outra maneira de estruturar o Deuteronômio, baseada nas gerações à que são demandadas as mensagens, seria a seguinte:

- Discurso inaugural (1-4)
- Demandas à geração de hoje, ou seja, aos exiliados (5-11)
- O Código Deuteronômico – A lei da aliança (12-26)
- Demandas às gerações futuras (27-30)
- O futuro do povo (31-41)

CARACTERÍSTICAS

Nas estepes de Moabe, é pronunciado o testamento de Moisés, ou seja, as últimas palavras do grande fundador da religião javista. O livro nos passa a idéia de um único e grande sermão, pronunciado de uma só vez. Obviamente que os discursos de Moisés no Deuteronômio são muito evoluídos e complexos, para serem um único discurso de um só dia, e também para remontar por completo a época de Moisés. A maior parte do livro foi elaborada posteriormente, e então colocada na boca de Moisés.

O centro do Deuteronômio é o código deuteronômico (Dt 12-26). Reúne, sem ordem clara, diversas coleções de leis de diferentes origens.

O código deuteronômico sublinha, desde o início, o lugar onde se deve prestar culto a Deus e proíbe a prática de ritos pagãos (12,1-31). O israelita deve prestar culto a Deus "no lugar que o Senhor escolher" (12,5), expressão vaga que não se refere necessariamente ao templo de Jerusalém, mas que no momento da redação do código, era o único templo existente.

O Deuteronômio é o Livro da Aliança. O termo "Aliança" (berit, em hebraico) ocorre 27 vezes no Deuteronômio. Designa o acontecimento do Sinai como uma "Aliança", concluída no Horeb. lahweh é Aquele que guarda a Aliança e a misericórdia para com os que o amam (7,9.12); Ele é o Deus fiel, que faz conhecer sua Aliança (4,13) ou ainda que estabelece sua Aliança (8,18).

O Deuteronômio, em seu conjunto, é uma reflexão sobre a infidelidade de Israel. Não obstante a fidelidade de Deus, Israel pode transgredir a Aliança (17,2), romper a Aliança (31,16.20), abandonar a Aliança (29,24), esquecer a Aliança (4,31). O livro põe assim em relevo a liberdade de escolha do povo perante lahweh e a fragilidade de sua adesão ao projeto de Deus, nascida da experiência real da constante infidelidade do povo.

Os autores do Deuteronômio se esforçam por manter Israel no essencial de sua experiência religiosa: a fé em um Deus único que fez dele Seu povo, dando-lhe uma terra, uma Lei e um templo.

No Deuteronômio, a expressão "recordação" ocorre 15 vezes, sempre em passagens no singular. O povo deve sempre recordar é "o que Deus fez ao faraó e a todo o Egito" (7,18) ou durante a estada no Deserto (8,2; 9,7) ou ainda na Conquista (8,18). Entretanto, a recordação não diz respeito ao passado enquanto passado, mas a um passado que continua presente, numa atitude de fé e de esperança. Assim, o termo "hoje" é abundante no Deuteronômio, ocorrendo mais de 70 vezes.

BIBLIOGRAFIA:

- ZENGER, E. Introdução ao Antigo Testamento. p. 46-50;
- SKA, Jean Louis. Introdução à Leitura do Pentateuco p. 31-54

Escola de Formação de Agentes de Pastoral

RE1, São Carlos, 2009

Jorge Nicolau dos Santos